

SESSÃO 19 – ARTIGOS

O CORPO EM TRAVESSIA: CLÍNICA/TEATRO/ESCRITA – DO FLUXO AO CAIS

Lívia Pelegrini¹

Resumo: Esta pesquisa quer contar uma trajetória singular, de um processo de feitura/tessitura de um corpo e de vários corpos que com ele se compuseram em meio às práticas de cuidado e práticas artísticas realizadas com grupos em algumas instituições. Propostas híbridas, de uma clínica, que se propõe experimentar o(s) corpo(s), dar passagem a afetos, possibilitando encontros e produção de acontecimentos. Produção de si e produção do corpo são as linhas-mestras do processo e da elaboração desta pesquisa-cartografia.

Palavras-chave: Clínica; experimentação do corpo; invenção de si.

I. Cartografar o trajeto ou como atravessar o rio: o método

*corpo
aqui
o que cabe
não tem
tamanho*

A pesquisa traça a proposta de cartografar experiências de oficinas, delineando o processo composto em convívio grupal experimental e coletivo, e será tecida via memória inscrita em nosso corpo, fonte e moto de vida, e pelos registros documentais dos encontros: diário de bordo, escritos das atrizes e atores, fotos e vídeos. Marcas que fizeram da oficina de teatro um lugar de encontros, de experimentações do corpo e produções de si.

A imersão, no contexto da experiência viva, nos possibilita o encontro com um processo singular, nos chamando, assim, a embarcar nos valendo de um método ético-estético-político ao registrar as paisagens do fora – passagem que ficou registrada na paisagem – e que habitam, ao fazer marcas, a memória do corpo, como uma fotografia.



¹ E-mail: liviaclinica@gmail.com.

*multidão
por um único e longo
êxtase
o plano de voo:
sobrevooar
ouso o salto
aterrar:
multiplicações*



A fonte da pesquisa se deu em experiência coletiva. Agora, na memória latejam as marcas visíveis e invisíveis – mútuas – e podem ser acessadas por meio dos registros e da trajetória marcada no corpo, o corpo em travessia, da aprendiz-cartógrafa.

II. Embarcações ou meios de se lançar à travessia ou ferramentas para compor

Clínica. Teatro. Escrita.

Estas são as três embarcações que se fizeram corpo para podermos atravessar fluxos diversos forjando composições. Nesta travessia os conceitos se agenciam, apontam instabilidades, quedas, saltos, crises, fugas e também contágios; o que para a perspectiva transdisciplinar é o que pode fazer dos campos, planos de criação.

Percebemos em nossa experiência que os meios de se lançar à travessia – a clínica, o teatro, a escrita – sustentaram a passagem pelas paisagens, experimentando uma relação de intercessão entre eles.

Para Deleuze (2007) “a filosofia, a arte e a ciência entram em relações de ressonância mútua e em relações de troca, mas a cada vez por razões intrínsecas”, são como espécies de linhas melódicas estrangeiras que interferem entre si incessantemente. E continua: “A criação são intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas e até animais...” (DELEUZE, 1992, p. 156).

O corpo é o meio de se lançar...

Corpo organismo – plano de forças – órgãos – movimentos sobre o plano – encontro dos corpos – órgãos do sentido/ consciência – tonal – sustentação à desterritorialização

Corpo intensivo – plano de forças – CsO – movimentos sobre o plano – algo se processa no encontro de corpos (potência de afetar e ser afetado) – corpo vibrátil – efeitos – passagem de fluxos não bloqueados pelo organismo – nagueira – a experimentação substitui a interpretação – em devir

A dimensão experimental da vida aparece explicitamente na arte e se aproxima de uma clínica pensada como produtora de desvios, que busca tratar dos impedimentos psíquicos para que seja mobilizado o estado de arte na subjetividade.

O dispositivo da oficina veio garantir um território para esta experimentação híbrida acontecer ampliando o conceito de clínica para sua dimensão estética (Lima, 2004; Rolnik, 2013) e que, tanto quanto o campo da saúde está em processo constante de transformação.

A oficina:

: uma obra em devir (uma a cada encontro), um grupo em devir (a cada oficina um grupo se forma), o corpo em devir... a travessia (o acontecimento puro) – intermezzo de um cais a outro. O cais primeiro: corpo conhecido, gesto condicionado – boa tarde, como vai? O tremor das mãos – Vamos iniciar? Atravessar: o olhar barulhento, sentar em roda, respirar... ritornelo... voo rasante da andorinha elevam os olhos para o céu, a voz entoia o canto da infância, os braços se sacodem, o grupo todo se sacode e canta o mesmo canto... silêncio... de mar batendo nas pedras, ela sai da roda enquanto os outros caminham, lançando o corpo em outras direções: o salto, a luta, a larva no chão, o menino, a espera, o susto, a velha, aquela canção, o gato, a queda, o grasnar, o suspiro... O cais segundo: – Vamos voltar pra roda!... ritornelo, um pequeno território onde pousar, nos olhamos, dar as mãos, corpos que se esticam e deitam... membrana-poros-pele-suor-sopros-olhos-respiro... chão.

III. Relato de composição

I – corpo-percussão (territórios)

Tarde de sol na cidade. No quintal, no pequeno canto de terra, brotavam os primeiros sinais das verduras da horta. Logo mais se iniciaria mais uma oficina de teatro. Buscar os tecidos, o som, os CDs, a bola, os livros. De fora já se ouviam as vozes que vinham da recepção e adentravam a casa. Era ela chegando! Inconfundível... perguntava por mim, cumprimentando todo mundo do CAPS. Era Nice.

Estava na sala do armário pegando os materiais quando ela apareceu na porta. Sorriso que conversa com o meu. Caminhamos até o quintal. As estagiárias chegando enquanto Seo Chico pitava o cigarrinho de corda na calçada. Suellen circulava pelo corredor cantarolando: “Agora é hora de você assumir e sumir, babe, babe!” – Rita Lee sempre na parada de sucessos. Voz que ecoava e que também nos fazia cantar junto.

Esticamos o tecido vermelho formando a arena para iniciar os trabalhos. Uma última convocatória, tirar os sapatos e fazer o círculo inicial – nossa roda. Para iniciar o aquecimento: respirar e alongar o corpo. Percebi que estavam presentes as pessoas mais musicais, o que nos direcionou a atividade: uma sequência de exercícios de corpo e voz.

Emitir sons com a voz (extensão do corpo, portanto corpo também) para a pessoa ao centro da roda se movimentar/dançar ao ritmo do som ouvido. Seo Chico foi ao centro e parou: corpo imóvel a nos olhar ou a olhar o que ele mesmo olhava, uma espera – o grupo ao redor... iniciamos a produção de sons. Ele iniciou um movimento com seus pés com meia, um

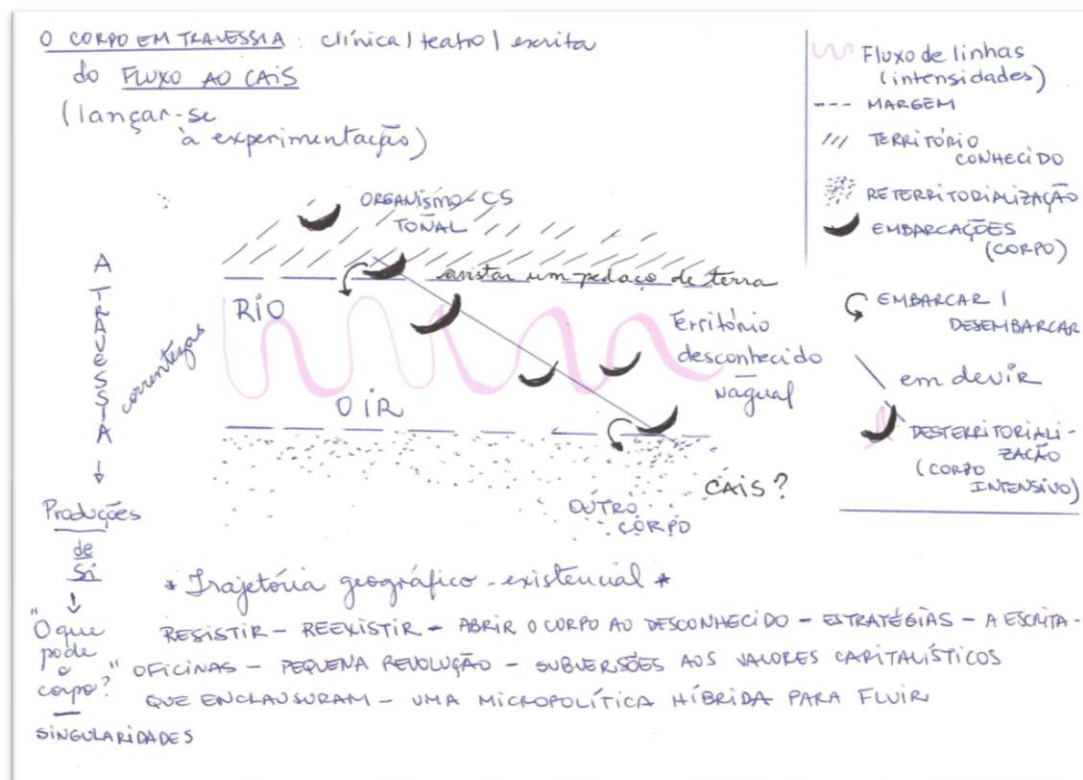
repinicado de percussionista – pés-mãos no chão-tambor ecoando a batida cardíaca no coração do quintal. Corpo-presente. O movimento de um pé era seguido pelo outro e se repetia, enquanto seu olhar seguia seus próprios movimentos, atento, sorria. A velocidade dos movimentos se alternava do mais rápido ao mais lento provocando espontaneamente o espelhamento dos movimentos em nós, que fazíamos os sons. Dançávamos e cantávamos todos com Seo Chico. Aconteceu um contágio! Poesia reverberada pelo vento que soprava naquela tarde levando o acontecimento aos confins de Pernambuco onde as crianças corriam num pega-pega lá na feira em meio às canções dos repentistas.

A idéia de território se desdobra em geográfico e existencial e, segundo (Lima; Yasui, 2013) “transitaria do político para o cultural, das fronteiras entre povos aos limites do corpo e do afeto entre as pessoas.” Compreendidos na relação clínica, território, subjetividade os territórios existenciais se tecem com elementos materiais e afetivos do meio que, apropriados de forma expressiva, constituem lugares para viver.

Na experiência da loucura ou no trançar de outras linhas de fuga aparece um coeficiente de desterritorialização, “entendido como movimento através do qual alguém deixa um território, desfazendo tudo aquilo que uma territorialização constitui como dimensão do familiar” (LIMA; YASUI, 2013, p. 16), movimentos que se fazem inseparáveis de processos de reterritorialização: a construção/montagem de um novo território.

O corpo... superfície de afetos... encontrar... afetar e ser afetado... aumentar ou diminuir a potência de agir... compor ritmos... pulsações... dançar... parir tribos... contagiar... inventar mundos e habitá-los... lançar magias ao vento... sopros moleculares... devir.

IV. Desenho-diagrama



V. conto-cartografia

Trabalho I – Limpeza

Para banir de mim todas as estruturas preciso de maré em noite de lua alta. O sol da noite. E cantoria. Da forte. Para enlameada do fruto do gozo do mundo ser lançada ao núcleo da glândula do broto do oco do mar. E nadando ser alga sereia cintilante em ínfima espessura para além dos faróis dos fortes. Molhada e nua transliteralmente navegada. E engravidada do neo-atlântico vomitar logos concretos e ser brisa, menina-vento, sem âncora sem remo sem cais. Nada de Turner, Van Gogh, Gauguin. Outros. Brisa sem imagem sem som. O *u*. Craquelando esferas conhecidas revolvendo os naufrágios reluzindo a antessala da memória. Nada de Peirce, Sartre, Lacan. Outros. Quero o *u*. O *u*. Clarice-*it*. O paraíso inacessível, os dragões. Ana C. em voo. O Criativo e a fúria do primeiro pulsar. O início de tudo. Água, canto e outros. Outros.

Trabalho II – Vertigem

Outros. Alguém bate à porta. Não ousou perguntar. Branco opaco e uma pressão no topo da cabeça – breve colapso. Nada cora. Respiro. Tocam a campainha. Não posso mais fazer de conta que não estou aqui a luz está acesa. Sento na cama. Calço os chinelos. Ouço a voz que chama meu nome. Coração que tremeluz, alma que cora quarto, corredor, sala. É hora de abrir. Tumulto no pensamento. A porta.

Trabalho III – Estrelas

A porta. Maré e sol que faz brilhar a lua. Alta. Ouço uivos. Pé ante pé a música que toca em mim *és de blanco que passeas pelos fios de mi cuerpo...* Giro. A janela entreaberta a contar os segredos do vento: uma volúpia guardada. Não gosto de represas. E adio. Pergunto – não que não saiba – quem é? Outros. O *u*? Morro de medo e quero. *Os dragões não conhecem o paraíso*. Silêncio. Milenar. E uma pressão no peito. Onde estão meus pés? Pirei. Depois do três abro a porta. Olho mágico. Ancestrais. A correnteza é profana. Atiro-me..... Outras.

Referências

DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

_____. *Clínica e Crítica*. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. *Espinosa – Filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

LIBERMAN, F; LIMA, E. M. F. A. Um corpo de cartógrafo. *Revista Interface*, v. 19, n. 52, p. 183-93, 2015.

LIMA, Elizabeth M. F. A. *Arte, Clínica e Loucura*. São Paulo: Summus, 2009.

_____. Oficinas e outros dispositivos para uma clínica atravessada pela criação. In: COSTA, Clarice Moura; FIGUEIREDO, Ana Cristina (Org.). *Oficinas terapêuticas em Saúde Mental: sujeito, produção e cidadania*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004.

LIMA, E. M. F. A.; YASUI, S. *Territórios e sentidos: espaço, cultura e cuidado na atenção em saúde mental*. 2013.

LISPECTOR, C. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

ROLNIK, S. *Lygia Clark e o híbrido arte/clínica*. p. 01-11. Disponível em: <<http://www.caosmose.net/suelyrolnik/pdf/Artecli.pdf>>. Acesso em: 13/02/2013.

_____. Pensamento, corpo, devir: uma perspectiva ético, estético, política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade*, v. 1 n. 2, p. 241-251, 1993.